

## 7 • Dos manuais de arquitetura ao cotidiano: conjuntos residenciais europeus sobrevivendo ao século XX

### Temas e objetos de intervenção

A repercussão que alcançaram os conjuntos habitacionais de Berlim com a condição de patrimônio mundial é fenômeno excepcional, mas não isolado do movimento mais amplo de atribuição de valor, restauração, e, em última instância, preservação dos conjuntos residenciais. A crítica feroz às formas de morar massificadas a partir dos anos 60 geraram perdas e demolições e certo mal estar com essa herança nas cidades europeias. Nos anos 90, demolição e/ou nova construção generalizaram-se em países como Alemanha, França, Reino Unido e Holanda, impulsionados por legislações específicas.<sup>1</sup> À exceção dos exemplares mais famosos e icônicos, como a Weissenhof, as Siedlungs alemãs e a Unité d'Habitation, cuja reverência deu-se precocemente, tal como mostrado anteriormente, a defesa a essas edificações elaborou-se progressivamente e a fase de produção foi sucedida pela rejeição política e arquitetônica nos 60 e 70.

Após a queda do muro de Berlim, em 1989,<sup>2</sup> a defesa dos conjuntos residenciais ganhou força, referendada pela historiografia consagrada nos grandes manuais de arquitetura que os citavam como capítulo essencial do século XX. A percepção dos espaços da vida operária como parte viva e integrada das cidades contemporâneas e seu status memorial aparece nas políticas de patrimônio cultural desde os anos 70, mas a associação de mundo do trabalho com formas de morar do século XX ganhou evidência dos anos 90 em diante.

Assim, a memória operária não está, em absoluto, restrita à indústria ou aos espaços produtivos. Pode-se dividi-los em lugares de trabalho, lugares de sociabilidade e lugares simbólicos, utilizando o conceito de lugares de memória, cunhado por Pierre Nora. Os espaços de solidariedade e de sociabilidade são amplos, e podem ser, por exemplo, bares noturnos, cafés ou igrejas. Os cafés de encontro dos operários no final do dia são repletos de simbolismos, evocados em músicas, nos balcões, nas mesas, nos objetos utilizados, nas comidas. Os lugares simbólicos da vida e da luta do operariado são forjados conscientemente pela “vontade de vencer o esquecimento no qual se mergulha não só a vida cotidiana operária, mas também a luta dos dominados”. Para Madeleine Rébérioux, são lugares patrimoniais no mesmo sentido que é o Arco do Triunfo.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Ainhoa Díez e Joaquín Ibañez, “Los grandes conjuntos residenciales y la interrelación contemporánea entre proyecto, patrimonio y paisaje”, 2010.

<sup>2</sup> Miles Glendinning, “Housing Session Report”, 2000, pp.138-139

<sup>3</sup> Madeleine Rébérioux, “Lugares da memória operária”, 1992, pp.47-56.

Nestes termos, a moradia dos trabalhadores produzida ao longo do século XX está incluída nos espaços memoriais das cidades contemporâneas, cujas relações com o cotidiano, lazer e histórias pessoais extrapolam sua materialidade e a crítica erudita. Muitos são os exemplos de valoração dos conjuntos residenciais na Europa, quer por força de políticas públicas, quer por ações variadas da sociedade. Na Alemanha, os blocos residenciais dos anos 70 do modelo WBS70, construídos massivamente na Alemanha Oriental, tornaram-se ícones da cultura contemporânea, vendidos pela internet como *souvenir* sob a forma de pequenas maquetes e cartões postais.

As escalas de valoração das habitações sociais são tão amplas quanto devem ser as possibilidades de preservação na sociedade contemporânea, e o reconhecimento dos conjuntos residenciais de Berlim pela UNESCO, feito em 2009, é eloquente da força das políticas patrimoniais e dos amplos desafios que já estão postos, os quais correspondem à diversidade e à variedade dos tipos de moradia moderna realizada no século XX.



190. 191. Maquetes do modelo de conjunto residencial WBS70.

## Conjuntos residenciais como patrimônio mundial

O pedido de proteção à UNESCO dos seis conjuntos partiu da municipalidade de Berlim e integrou-se à política de atualização da lista de bens alemães na UNESCO, que teve início em 1995. As *siedlungen* de Frankfurt, da gestão de Ernst May e a Weissenhof Siedlung, em Stuttgart, foram frequentemente citadas nas listas de bens culturais de interesse do patrimônio do século XX e muitas foram protegidas por leis locais e alvo de restaurações. No entanto, na ocasião da indicação pelo governo alemão duas propostas se apresentavam como viáveis: os conjuntos residenciais públicos construídos durante a República de Weimer e o patrimônio industrial de Electropolis, também em Berlim. Em 1997, durante a conferência federal de secretários de educação e cultura, deu-se prioridade às habitações berlinenses. A

importância histórica e arquitetônica dos conjuntos justificava a escolha, bastante estratégica, que coadunava com a política da UNESCO de mudança do perfil da lista do patrimônio mundial proposta a partir de 2003.<sup>4</sup>

Com efeito, no que se refere à tipologia e à função, o tema da habitação em massa não estava contemplado na lista, fato esse destacado no Dossiê apresentado à UNESCO. Em contraste às obras de famosos arquitetos, como as casas de Rietveld, Mies e Barragán, os conjuntos de Berlim representavam a preocupação social de resolução de problemas urbanos de moradia para operários e classe média emergente.<sup>5</sup>

A candidatura apontava os conjuntos como produtos-chave da política habitacional do século XX, sendo exemplo da variedade de soluções de questões sociais e habitacionais que influenciaram a arquitetura europeia para além de Berlim e da Alemanha. As habitações não foram construídas como peças especiais ou protótipos de exposição; são típicas áreas de habitação berlinense em meio a grandes áreas livres construídas no entre guerras que ainda povoam a paisagem da cidade. Ademais, quanto ao planejamento urbano, os conjuntos anteciparam soluções do Estilo Internacional, como as cidades de Tel Aviv, Le Havre, Brasília e a Cidade Universitária de Caracas, para citar os patrimônios mundiais.<sup>6</sup>

Segundo o Dossiê, pesou fortemente em favor da candidatura dos conjuntos ao patrimônio mundial a tradição alemã de valorização e proteção às habitações sociais construídas nos anos 20. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os conjuntos foram apreciados como monumentos da arquitetura moderna, do desenvolvimento urbano e da habitação social pública, passando a figurar nos inventários da cidade dividida. Algumas propriedades, ou partes delas, foram protegidas por leis de preservação, ainda nos anos 60 e início dos anos 70, como Siemensstadt Ring Estate, incluída na lista de Edifícios e Monumentos Artísticos de Berlim. Na década de 1970, a série “Berlin and its buildings” da Associação Berlimense de Arquitetos e Engenheiros trouxe o inventário de 171 conjuntos construídos entre 1919 e 1945. Em 1975, a lei de proteção aos monumentos da Alemanha Oriental (*Denkmalpflegegesetz*), somada à lei de 1977 de proteção aos monumentos da Berlim Ocidental, deu a oportunidade de atuação nos mais importantes exemplos, como Gartenstadt Falkenberg e Wohnstadt Carl Legien (na parte oriental) e Britz Horseshoe Estate (localizada na parte ocidental e protegida em 1986). Em 1990, após a queda do Muro de Berlim, foram adotadas leis únicas de preservação aos monumentos na Alemanha unificada, que se fortaleceram em 1995 com a lei para os bens culturais do território berlinense (*Gesamtberliner Denkmalschutzgesetz*). Com isso, todos os seis conjuntos candidatos ao patrimônio mundial, incluindo-se seus espaços livres, foram preservados.<sup>7</sup>

Neste contexto, a consciência precoce dos moradores da importância das habitações reconheceu os conjuntos como parte das conquistas do entre guerras, sensibilizando também

<sup>4</sup> Federal State of Berlin, *Housing Estates in the Berlin Modern Style. Nomination for inscription on the UNESCO World Heritage List*, 2006, p. IX.

<sup>5</sup> Idem, p.XI

<sup>6</sup> Idem, ibdem.

<sup>7</sup> Idem, p.XII.



192. 193. Conjuntos Residenciais Falkenberg e Carl Legien, de Bruno Taut e Franz Hillinger, protegidos por legislações locais de preservação em 1977.

políticos e arquitetos, contribuindo decisivamente no tratamento cuidadoso para com as obras, mesmo antes da sua preservação oficial.<sup>8</sup>

Os conjuntos de Berlim indicados no dossiê e posteriormente protegidos pela UNESCO são Gartenstadt Falkenberg (1913-1916, arquiteto Bruno Taut), Siedlung Schillerpark (1924-1930, arquiteto Bruno Taut), Grossiedlung Britz (Hufeisensiedlung) (1925-1930, arquitetos Bruno Taut e Martin Wagner), Wohnstadt Carl Legien (1928-1930, arquitetos Bruno Taut e Franz Hillinger), Weise Stadt (1929-1931, arquitetos Otto Rudolf Salvisberg, Bruno Ahrends e Wilhelm Büning) e Grossiedlung Siemensstadt (Ringsiedlung) (1929-1934, arquitetos Hans Scharoun, Walter Gropius, Fred Forbat, Otto Bartning, Paul Rudolf Henning, Hugo Häring e arquiteto-paisagista Leberecht Migge), localizados em zonas diferentes da cidade. Construídos dos anos 10 ao início dos anos 30, fazem parte da política habitacional possibilitada pela Constituição da nova república alemã de 1919 que, ao reforçar o controle fundiário, estimulava a construção de casas para trabalhadores, o que aconteceu principalmente nas cidades de Breslau, Hamburgo, Celle, Berlim e Frankfurt. Berlim, como uma das mais importantes capitais culturais europeias do período, congregou diversos arquitetos de vanguarda, como Mies van der Rohe, Max Taut, Erich Mendelsohn, Hugo Häring, Hans Scharoun e Bruno Taut, que tiveram no fornecimento de habitação uma de suas metas. A construção de conjuntos públicos por cooperativas e pela municipalidade foi incrementada a partir de 1926, com Martin Wagner como gestor de planejamento urbano. Instrumentos públicos de promoção habitacional e a adoção de medidas de planejamento e construção racionalizada permitiram a realização de cerca de 135.000 unidades habitacionais subsidiadas entre 1924 e 1930. Localizados em meio a grandes áreas verdes, são compostos por lâminas residenciais com forte relação com os projetos habitacionais de J.J.P. Oud, na Holanda. De autoria de arquitetos variados, sendo Bruno Taut dos mais destacados, são diversos no que se refere ao resultado arquitetônico.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Idem, ibidem.

<sup>9</sup> Idem, p.VI-IX. William Curtis, *Arquitetura moderna desde 1900*, 2008, p.251.



194. 195. 196. 197. 198. 199. Conjuntos Residenciais reconhecidos pela Unesco como patrimônio mundial: Siemensstadt (Ringsiedlung) (1913-1916, Bruno Taut), Siedlung Schillerpark (1924-1930, Bruno Taut), Grossiedlung Britz (Hufeisensiedlung) (1925-1930, Bruno Taut e Martin Wagner), Wohnstadt Carl Legien (1928-1930, Bruno Taut e Franz Hillinger), Weise Stadt (1929-1931, Otto Rudolf Salvisberg, Bruno Ahrends e Wilhelm Büning) e Grossiedlung Siemensstadt (Ringsiedlung) (1929-1934, Hans Scharoun, Walter Gropius, Fred Forbat, Otto Bartning, Paul Ridolf Henning, Hugo Häring e Leberecht Migge).

A riqueza e a variedade de soluções geraram certa dificuldade na seleção dos exemplares para candidatura ao patrimônio mundial. De acordo com o dossiê, variando de composições muito grandes a pequenas, vários conjuntos se encontram preservados, a maioria tem atrativos e todos são diferentes. O critério de indicação foi basicamente arquitetônico e urbanístico, contando também o reconhecimento internacional, a intenção social dos empreendedores e a boa condição física da estrutura original. O tema da autenticidade pesou fortemente na escolha e obras como Onkel-Tom-Siedlung, de Bruno Taut, ficaram de fora em razão de transformações por parte de proprietários privados. Na defesa às habitações berlinenses em face às outras realizações alemãs, frisou-se que muitas mantinham sua autenticidade de forma, revestimento e envasaduras. Todavia, praticamente todos os conjuntos habitacionais reconhecidos pela UNESCO passaram por obras de restauração em que foram trocados revestimentos, portas e janelas, em muitos casos em busca do retorno ao estado original. Em Wohnstadt Carl Legien, por exemplo, razões ideológicas levaram à troca de cores das fachadas durante o período nazista, as quais eram particularmente importantes na concepção do arquiteto Bruno Taut. Em 1945, novas obras removeram por completo o revestimento original. A restauração do conjunto realizada nos anos 90, com extensas modificações no corpo das edificações, foi guiada pela imagem da época de sua construção, utilizada como referência e meta a ser alcançada.<sup>10</sup>

*Quando as obras foram completadas em 2005, o conjunto tinha recuperado em todos os pontos a aparência original, com a paleta de cores desenhada por Bruno Taut.<sup>11</sup>*

Ao longo do estudo apresentado à UNESCO são recorrentes as referências à originalidade, à “recriação, tanto quanto possível, da qualidade arquitetônica dos edifícios, inclusive das cores e de muitos detalhes importantes para a impressão geral”,<sup>12</sup> numa afirmação sobre Gartenstadt Falkenberg, ou ainda sobre Wohnstadt Carl Legien:

*(...) após restauradas no colorido original com base nos achados de uma pesquisa adequada, as casas dos conjuntos novamente mostram as cores ricas e brilhantes escolhidas por Bruno Taut.<sup>13</sup>*

Embora não se tratem de obras icônicas ou exclusivamente de grandes arquitetos, percebe-se que o tratamento dado aos objetos na frequente busca de retorno à aparência da época de sua construção, desconsiderando processos históricos de ocupação e modificação, espelha-se no ideal de arquitetura tantas vezes exaltado durante todo o século XX, que se persegue como imagem idealizada.

<sup>10</sup> Federal State of Berlin, Op.cit., 2006, p.98

<sup>11</sup> Idem, p.99. Tradução própria.

<sup>12</sup> Idem, p.105

<sup>13</sup> Idem, p.104. Tradução própria.



200. Conjunto Residencial Carl Legien após reforma. 201. Gartenstadt Falkenberg restaurado.

Tal fato não deve ofuscar a relevância do reconhecimento de obras de habitação social como patrimônio mundial. A declaração de valor universal excepcional<sup>14</sup> dos conjuntos de Berlim, na 32ª Sessão do Comitê do Patrimônio Mundial, realizada em 10 de julho de 2008, em Quebec, Canadá, que reconheceu a grande qualidade urbanística, arquitetônica, paisagística e estética típica do modernismo do início do século XX, transborda em importância o fenômeno da atribuição de valor aos bens imóveis do século XX por se tratar de programa de habitação de interesse social.<sup>15</sup>

O reconhecimento dos conjuntos de Berlim faz parte das profundas e variadas experiências internacionais de intervenção em conjuntos residenciais, as quais revelam a atualidade e a complexidade do tema e comprovam sua firme presença na agenda do campo patrimonial do século XXI em diversas partes do mundo e poderão dar o necessário aporte crítico de conhecimentos.

### Experiências de preservação de conjuntos residenciais na Europa

Desde os anos 90, muitos países europeus vêm enfrentando com seriedade o tema da valoração dos conjuntos residenciais. Experiências importantes de pesquisa, preservação e restauração de conjuntos tiveram lugar na Alemanha, Itália, Inglaterra, França e Holanda, a partir da atenção de moradores, poder público e interessados em níveis variados, e correspondem à grande variedade da produção.

<sup>14</sup> Para a UNESCO o valor universal excepcional significa: “(...) uma importância cultural e/ou natural tão excepcional que transcende as fronteiras nacionais e se reveste do mesmo caráter inestimável para as gerações atuais e futuras de toda a humanidade. Assim sendo, a proteção permanente deste patrimônio é da maior importância para toda a comunidade internacional.” Unesco, *Orientações técnicas para aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial*, julho 2010, p.23.

<sup>15</sup> *Decision 32COM 8B.32 – Examination of nomination of natural, mixed and cultural properties to the World Heritage List – Berlin Modernism Housing Est (Germany).*

Várias são as expressões do morar moderno na Europa, tributárias da racionalização da moradia atendendo às preocupações da existência mínima, quer ou não vinculadas ao CIAM. As propostas variaram no decorrer do século conforme as políticas locais e os arquitetos envolvidos. O principal período de construção de conjuntos foi após a Segunda Guerra Mundial para a reconstrução das cidades devastadas pela guerra, suprimento do *déficit* habitacional provocado tanto pela destruição das moradias, quanto pelo crescimento populacional nos anos posteriores. Milhares de blocos foram construídos no Reino Unido, França, Suécia e Holanda, para não falar dos países do leste europeu que abrigam cerca de 40% da população (na Europa Ocidental essa percentagem é de 10%).<sup>16</sup>

Ligeiramente pode-se dividir a produção dos conjuntos em três momentos ao longo do século XX, a saber:

1. a habitação pioneira dos anos 1910 aos anos 1930;
2. a produção em larga escala do pós-guerra;
3. a massificação da moradia após os anos 60 e principalmente 70.

Em termos geográficos, há grandes diferenças na forma de realização e no modo como as políticas se estruturaram para a construção de moradias na Europa Central e do Leste. Nos países do bloco socialista a doutrina da produção em massa e o esforço sem precedentes para resolução do problema da moradia levou à edificação de milhões de unidades pré-fabricadas, muitas no modelo WBS70. Na Europa Ocidental, o Estado do bem estar social cobriu espectro mais amplo de intervenção indo da promoção estatal direta até o subsídio indireto e à produção privada.<sup>17</sup>

Apesar das enormes diferenças regionais e tipológicas, de modo geral, os conjuntos residenciais europeus basearam-se nos mesmos princípios, o que permite, no presente, sua identificação imagética. São compostos por blocos residenciais de altura média, algumas vezes intercalados com casas unifamiliares, dispostos em meio a grandes áreas livres, com hierarquia de vias e separação de funções. Os modelos de cada época e de cada período trazem problemas específicos de valorização e preservação, sendo que vários foram, em algum nível, enfrentados.

Entre 2002 e 2005, sob os auspícios da União Europeia, desenvolveu-se o projeto RESTATE – *Restructuring Large-scale Housing Estates in European Cities: good practices and new visions for sustainable neighbourhoods and cities*, que propôs estudar o tema em dez cidades europeias: Alemanha, Suécia, Polônia, Espanha, Hungria, Holanda, Itália, França, Reino Unido e Eslovênia. O foco era compreender como os conjuntos passaram de soluções celebradas no pós-guerra para vítimas de crítica ferrenha e áreas-problema, distanciadas dos moradores e de suas necessidades, com o pressuposto de postar-se contra o fim eminente dos conjuntos e o desgaste do seu modelo, levando à impossibilidade de reversão do quadro do

<sup>16</sup> Karien Dekker et alii, “Restructuring large housing estates in European cities: an introduction”, 2005, p.2.

<sup>17</sup> Miles Glendinning, “Housing Session Report”, 2000, pp.138-139; Pedro Moreira, “Habitação social e pré-fabricação. A herança socialista em perspectiva”, 2001.

futuro. Argumentou-se que, em muitos casos, os conjuntos têm importante papel a cumprir na sustentabilidade urbana, dada sua morfologia, a abundância de espaços livres, e seu potencial de se beneficiar de transportes públicos e de energias renováveis.<sup>18</sup>

Apesar das grandes variações regionais, com o projeto RESTATE pode-se identificar os problemas comuns aos conjuntos, decorrentes do impacto das dramáticas mudanças econômicas, sociais e políticas que ocorrem na Europa nos últimos 30 anos. Os problemas arrolados foram:

- decadência física pelas técnicas construtivas;
- concentração de moradores de baixo poder aquisitivo;
- baixa demanda ou abandono das moradias;
- desemprego crescente;
- alto índice de criminalidade e problemas de vandalismo, alcoolismo e drogas;
- tensões sociais e raciais;
- alta rotatividade das habitações;
- deterioração das habitações e dos serviços administrativos;
- problemas educacionais em decorrência da alta concentração de crianças de famílias pobres ou de imigrantes.<sup>19</sup>

Tais problemas e suas particularidades foram estudados e resultavam em projetos urbanos e arquitetônicos de fôlego, com intervenções sistemáticas e significativas em diversas habitações. Os exemplos vão desde os conjuntos residenciais dos anos 20, como o da Holanda e Alemanha, mas acumulam-se principalmente nas experiências do pós-guerra, justamente por padecerem dos maiores problemas e por serem em maior número.

### Habitações icônicas

Um dos primeiros conjuntos residenciais construídos na Europa, inaugural das preocupações do moderno com o acesso ao habitar, passou por processo de intervenção bastante complexo. Trata-se de Kiefhoek de J.J.P.Oud, construído entre 1925 e 1929, em Amsterdã, Holanda, composto originalmente por 300 habitações dispostas em fileira destinadas a duas famílias, com plantas compactas para atender à existência mínima. Nos anos 80, o conjunto foi reformado com o pressuposto de preservar aquilo que ainda era funcional e ainda poderia ser utilizado e modificar o inevitável no que concerne a detalhe, espaço e material, desde que em acordo com a concepção de Oud. Internamente as casas foram inteiramente renovadas, ganhando novos quartos e adaptando banheiro e cozinha, considerados obsoletos e sem estrutura para abrigar os equipamentos da vida moderna

<sup>18</sup> Karien Dekker et ali, “Restructuring large housing estates in European cities: an introduction”, 2005, p.7.

<sup>19</sup> Karien Dekker et ali, “Restructuring large housing estates in European cities: an introduction”, 2005, p.4

como geladeiras. Externamente foram substituídas todas as janelas de madeira por modelos duplos de plástico, sob o argumento da má funcionalidade das originais. Ademais, um bloco com seis casas em mau estado de conservação foi demolido e reconstruído no mesmo local. Completando o projeto, uma das casas foi transformada em museu, reconstruído exatamente tal qual quando inaugurada, recuperando-se detalhes como torneiras, maçanetas, interruptores e mobiliário, com a pretensão de possibilitar aos visitantes a experiência da existência mínima.<sup>20</sup>



202. 203. Conjunto Residencial Kiefhoek de J.J.P. Oud, Amsterdã, Holanda.

Para Marieke Kuipers, a substituição das janelas revelou-se um desastre, pois foi baseada em presunções ao invés dos princípios básicos da conservação. A autora mostra como em muitos casos a imagem do original tem tal força que interfere na restauração, levando à desconsideração completa das regras internacionais de preservação. Devido a problemas na estrutura e às demandas dos novos moradores, mais obras se fizeram necessárias, sendo cogitada pelo arquiteto responsável pela intervenção anterior, a demolição de todas as casas do conjunto e reconstrução por outras que seriam mais bonitas, melhores e mais baratas do que a restauração do existente. Tal fato não aconteceu, mas o resultado final, com a união interna de casas para a conformação de outras maiores e a expansão para o fundo com a manutenção da aparência exterior, resultou numa série de conflitos na imagem final, na conservação da matéria e nos seus usos.<sup>21</sup>

Nos conjuntos holandeses de autoria de J.J.P. Oud a questão da atribuição de valor não era problema evidente; em muitas instâncias entendia-se sua importância baseados nos fundamentos de antiguidade (são exemplares primevos do movimento moderno no país) e de autoria, mas isso não impediu as alterações significativas no conjunto. Ainda que se reconheçam o valor das obras habitacionais inaugurais de arquitetura moderna, sua preservação ou busca pela integridade física não é dado evidente.

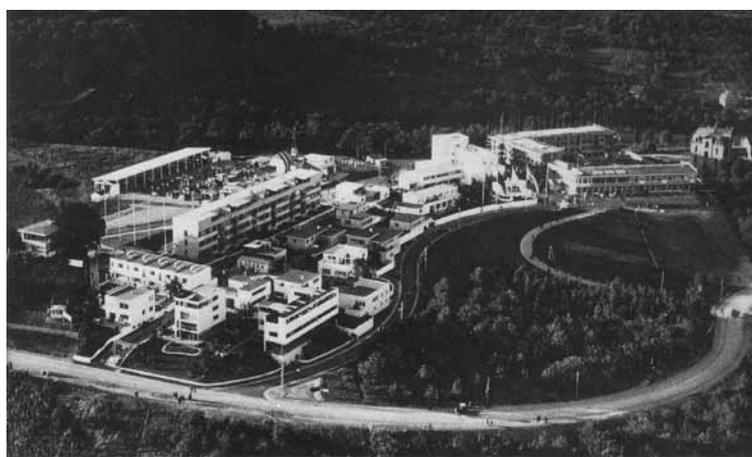
Os conjuntos residenciais de Frankfurt construídos durante a gestão de Ernst May, assim como os de Berlim, foram nos anos 70 protegidos por leis locais que legitimaram seu

<sup>20</sup> Wytze Patijn e Katrien Overmeire, “Restoration of the Kiefhoek in Rotterdam (J.J.P. Oud, 1925-1930)”, 1991, pp. 282-286.

<sup>21</sup> Marieke Kuipers, “Fairy tales and fair practice, considering conservation, image and use”, 2002, pp.208-212.

valor como artefatos de cultura. A preservação foi estimulada após o escândalo da demolição de parte do conjunto Hellerhof de Mart Stam, que não só foi completamente abaixo por forte reação de especialistas. Não houve mais demolições em Frankfurt e os conjuntos permaneceram até os anos 60 com seus aspectos formais inalterados, mas a proteção por lei não levou a restaurações, salvo em casos pontuais, como Ganghauser, Westhausen e Bornheimer.<sup>22</sup> As edificações encontram-se, em sua maioria, em mau estado de conservação, sendo um dos fatores que levaram à desconsideração da sua candidatura como patrimônio mundial em favor das obras berlinenses.<sup>23</sup>

Outras obras icônicas da arquitetura e do urbanismo modernos na Europa foram preservadas e restauradas ainda nos anos 50, como foi o conjunto da Weissenhof Siedlung na Alemanha, declarada pelo governo alemão como de interesse à preservação em 1958. A Weissenhof Siedlung foi construída em 1927, em Stuttgart, Alemanha, como uma exposição das ideias da nova arquitetura alemã para a habitação.<sup>24</sup> Liderados por Mies van der Rohe, arquitetos como Le Corbusier, Peter Behrens, Gropius, Max Taut, J.J.P. Oud, Hans Scharoun, Mart Stam, entre outros, construíram edificações que fizeram enorme sucesso e ganharam lugar na história da arquitetura do século XX. O conjunto habitacional tornou-se experiência fundamental da arquitetura do movimento moderno, citada em diversos manuais de história como o “manifesto vivo” do planejamento e racionalização do morar.<sup>25</sup>



204. 205. Planta e Vista geral da Weissenhof Siedlung, 2002.

Em 1938, a prefeitura de Stuttgart, em face às fortes críticas locais, vendeu as casas ao governo alemão para a instalação de complexo militar. Após a venda, houve a progressiva

<sup>22</sup> Christoph Mohr, “The New Frankfurt and its neighborhoods”, 1991, p.216.

<sup>23</sup> No parecer de aprovação da inscrição dos seis conjuntos de Berlim como patrimônio mundial estão indicadas como ações futuras do Governo Alemão a complementação do estudo com a nomeação das obras frankfurtianas da República de Weimer. *Decision 32COM 8B.32 – Examination of nomination of natural, mixed and cultural properties to the World Heritage List – Berlin Modernism Housing Est (Germany)*.

<sup>24</sup> Idem, p.9

<sup>25</sup> Como, por exemplo, em Sigfried Giedion, *Espaço, tempo e arquitetura*, 2004, p.625.

transformação ou demolição das casas, quer seja pelos bombardeios da II Guerra Mundial, nos quais se perderam 40 edificações, quer seja pelas novas destinações de uso. As demolições continuaram e só cessaram em 1956, quando a ameaça de destruição chegou à casa projetada por Le Corbusier, o que desencadeou uma luta por sua preservação e levou à declaração, em 1958, do conjunto residencial como patrimônio alemão.<sup>26</sup>

A sua proteção por lei, entretanto, não impediu que significativas mudanças continuassem a acontecer. Em 1977, no aniversário de 50 anos do conjunto, fundou-se a Associação de Amigos da Weissenhof com a proposição da criação de grupo internacional de arquitetos para a reconstituição do estado original das casas. Em março de 1981, grande restauração teve início com o estabelecimento pela República Federal da Alemanha, proprietária do conjunto, de comissão para reconstruir o estado original das casas. Os exemplares apresentavam problemas variados de conservação e a intervenção buscou reconstituir a integridade formal e a plena funcionalidade de cinco casas ao estado original pré-guerra com a remoção das muitas das adições dos edifícios. Na primeira fase foram restauradas as casas de J.J.P. Oud, Le Corbusier e Peter Behrens, sendo depois a vez das casas de Mies, Josef Frank e Mart Stam. Finalmente, em 1985-86, foram restauradas as casas de Victor Bourgeois, Mies van der Rohe e Adolf Schneck. Seu resultado foi o retorno a uma imagem idealizada da época de sua construção, apagando-se detalhes construtivos muitas vezes inovadores e experimentais. As renovações incluíram reparos na estrutura, a instalação de isolamento térmico para melhorar o desempenho do concreto e evitar infiltrações e a troca das janelas degradadas. Em 2002, os dois edifícios de Le Corbusier foram novamente restaurados e convertidos em centro de visitantes e museu. O conjunto residencial como um todo foi transformado em museu a céu aberto para a visita turística.<sup>27</sup>

Para Marco Bardeschi, o que se deu na Weissenhof foi a renovação de um arquétipo original presumido. A condição peculiar das casas construídas para uma exposição e a sua real sobrevivência por mais de meio século às muitas transformações sociais e políticas deveria ser respeitada. As obras buscaram retornar o conjunto à data mítica de 1927, com a remoção sistemática das marcas do tempo em várias edificações remanescentes, como nas casas de Le Corbusier e de J.J.P. Oud onde maçanetas, metais sanitários e interruptores foram substituídos por modelos contemporâneos.<sup>28</sup>

No escopo das obras de habitações de interesse social europeias, símbolos do movimento moderno, estão as Unidade de Habitação de Le Corbusier, tornadas produtos turísticos, visitadas, sobretudo por arquitetos de todas as partes do globo. A preservação de algumas das unidades de habitação,<sup>29</sup> especificamente daquela localizada em Rezé, não atendeu exclusivamente às expectativas dos edifícios como produtos comerciais, em que

<sup>26</sup> Theodore Prudon, *Preservation of modern architecture*, 2008, p.9; [www.weissenhof.ckom.de](http://www.weissenhof.ckom.de)

<sup>27</sup> Theodore Prudon, *Op.cit.*, p. 9; Cláudia Rodrigues Carvalho, *Preservação da arquitetura moderna: edifícios de escritórios no Rio de Janeiro construídos entre 1930-1960*, 2006, p. 41; “La conservazione del moderno”, *Domus* n. 649, abril 1984, pp. 2-13; [www.weissenhof2002.de/english/weissenhof.html](http://www.weissenhof2002.de/english/weissenhof.html)

<sup>28</sup> Marco Dezzi Bardeschi, “Conservare, riprodurre il moderno”, abril 1984, pp. 10-13.

<sup>29</sup> Foram construídas cinco Unidades de Habitação seguindo o projeto corbusiano: Marselha (1946), Rezé (1953-1955), Briey-en-Forêt (1956-1963), Berlim (1957) e Firminy (1959-1967).



206. 207. Casa de J.J.P. Oud na Weissenhof Siedlung em 1983 e em obras.



208. Casa de Le Corbusier na Weissenhof.

209. Unidade de Habitação, Rezé.

as questões do turismo, do consumo visual e da imagem original não ditaram as diretrizes projetuais. Segundo Monnier, tratou-se de uma restauração exemplar, onde os vários agentes se envolveram no respeito aos princípios da obra e nas suas transformações no tempo. Ela é um dos exemplos importantes de recuperação de conjuntos residenciais na década de 80, antes do *boom* da preservação do moderno.

Na construção da Unidade de Rezé, realizada entre 1953 e 1955 por iniciativa de personalidades católicas progressistas, empresários e sindicalistas interessados nas ideias corbusianas, foram utilizados os mesmos princípios da Unidade de Marselha, porém com algumas modificações técnicas, sobretudo menos dispendiosas, como a estrutura da parte superior em aço. Corbusier insistiu para que os serviços à população fossem também executados, como o parque, a escola maternal, a banca de jornais e o correio. Após virulentas críticas, o projeto acabou vitorioso com a construção do edifício de 294 apartamentos ocupados mormente por famílias com crianças pequenas, organizadas em sociedades cooperativas.<sup>30</sup>

A partir dos anos 70, com o fim das sociedades cooperativas, ocorreu a alteração dos contratos residenciais e a população se tornou mais heterogênea e instável, com muitos

<sup>30</sup> Gérard Monnier, *L'architecture du XXe siècle, un patrimoine*, 2004, pp. 187-191.

desempregados e pessoas sozinhas. Alguns questionamentos quanto aos apartamentos tornaram-se mais consistentes, como a falta de espaço na cozinha para os novos eletrodomésticos. Mas as suas qualidades iniciais continuavam muito apreciadas, como o isolamento térmico, ventilação, aquecimento e a proximidade do parque e do maternal.<sup>31</sup>

Nos anos 80 o conjunto era visto como um marco da cidade de Rezé a ser preservado. Com o apoio das autoridades locais, os trabalhos de restauração tiveram seu início comprometido com a máxima coerência ao conceito inicial, preservando-se a marca de Le Corbusier. A primeira etapa da obra aconteceu entre 1985 e 1989, com o reparo parcial da fachada, restituição da policromia original, reforma dos elevadores, troca do sistema elétrico e a melhoria nas cozinhas e banheiros. Entre 1995 e 1999, a segunda etapa da obra pôde ser realizada, agora com a restauração das fachadas, dada à corrosão dos elementos pré-fabricados das “loggias”, que foram substituídas por peças idênticas em concreto de alta resistência com armação em aço galvanizado. Para Gérard Monnier, o processo de restauração da Unidade de Rezé foi exemplar, pois envolveu todos os atores sociais em seu processo. Municipalidade, moradores e órgão de preservação acompanharam e opinaram durante o projeto, guiados pelo princípio de respeito à obra. Ao término da restauração, em 1999, o prefeito de Rezé solicitou o tombamento do edifício como monumento histórico.<sup>32</sup>

A Unidade de Habitação de Marselha, a primeira das unidades realizada por Le Corbusier, integrou o inventário da obra de Le Corbusier feito pelo governo francês no início dos anos 60, como parte do processo mais geral de valoração da obra do mestre francês deflagrado pela intenção de recuperação da Villa Savoye.<sup>33</sup> Em 1986, as fachadas, o terraço e suas dependências e o pórtico foram protegidos por lei. Do interior do edifício foram destacadas como de interesse ao patrimônio cultural as partes comuns e o apartamento nº643. Em 1995, um segundo apartamento foi protegido, o de nº50, incluindo todo o conjunto de elementos da cozinha.<sup>34</sup>

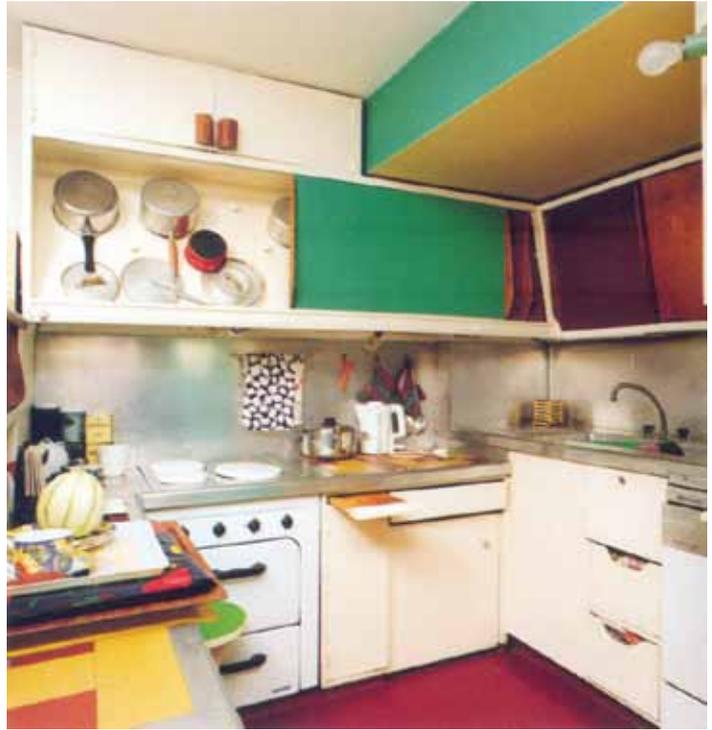
A última das unidades de habitação construída foi a de Firminy, concluída em 1967, após a morte de Le Corbusier. O projeto, que se articulava em torno de um estádio, um centro de futebol, um centro cultural, uma igreja e três blocos de habitação (apenas um construído), permaneceu inacabado devido à crise industrial que atingiu a região. Afetada pela crise econômica e demográfica, a unidade nunca foi totalmente ocupada, cuja taxa de ocupação nos anos 80 era de apenas 37%. Em 1983, todas as famílias foram agrupadas na ala sul e a ala norte foi fechada, gerando sérios problemas de conservação e de gestão. Entre 1995 e 1998, a Unidade passou por obras de restauração. As fachadas oeste e sul estavam muito degradadas devido à má qualidade do concreto, às intempéries (são as mais expostas) e à poluição, observando-se intensa oxidação e exposição das ferragens. O terraço-jardim também apresentava sérios problemas de degradação e foi restaurado. Todos os caixilhos de madeira das janelas foram trocados e as *loggias* foram repintadas na sua policromia original.

<sup>31</sup> Idem, p.192.

<sup>32</sup> Idem, p.193-195.

<sup>33</sup> Ver Capítulo 1.

<sup>34</sup> Bernard Toulhier, *Architecture et patrimoine du XXe siècle en France*, 1999.



210. Unidade de Habitação, Marselha. 211. Apartamento nº50 da Unidade de Habitação de Marselha. Detalhe da fachada.



212. 213. 214. Unidade de Habitação em Berlim e em Firminy.

O esvaziamento do edifício e seu grave estado de degradação levaram à consideração de sua demolição. A pressão do público o impediu e em 1996 foi feito um estudo para a reocupação da Unidade, que permanecia com uma grande parte fechada, com atividades mais atrativas, como escritórios de renome, escola de arquitetura, museu e centro de convenções. Tal proposta implicava na abertura de novas janelas e na modificação estrutural do projeto de Le Corbusier, o que foi recusado pelas entidades responsáveis pelo edifício, já que reinterpretavam a obra do arquiteto. Prevaleceu a manutenção do uso habitacional, aceitando-se a criação de apartamentos geminados para criar apartamentos maiores e mais atraentes, sem alterar o aspecto original, tal como feito na unidade de Briey-em-Forêt.

Para Bernard Toulier, as dificuldades da restauração da Unidade de Firminy não se explicam pelas limitações técnicas e sim pela questão de como transformar e atualizar o uso do espaço sem comprometer a integridade da mensagem de Le Corbusier. A relação com as obras icônicas é apenas um dos resultados de movimento mais amplo que ultrapassou as fronteiras da arquitetura inaugural e icônica do moderno e chegou à produção dos anos 60 e 70 e investiu na sua recuperação, cujos exemplos são profusos.

### A produção em massa do pós-guerra

A Alemanha é o país que mais investiu nos debates sobre o legado da construção em massa de habitação de interesse social. Na Alemanha no final dos anos 60 e início dos anos 70 produziram-se grandes conjuntos habitacionais em série com o desenvolvimento de 14 sistemas construtivos, dentre os quais o WBS70, sigla de Sistema de Habitação 70, um dos mais utilizados. Só na Alemanha Oriental construíram-se cerca de 680.000 unidades habitacionais em 20 anos; na Alemanha Ocidental os dados são de 195.000 unidades com ideias semelhantes.

No final dos anos 80, a autocrítica aos programas de serialização teve início e, em 1987, no aniversário de Berlim, foi assinado termo de cooperação entre os governos para estudarem seu legado. Nesse contexto muitos dos atributos inerentes às edificações e seu potencial de desenvolvimento foram desconsiderados, particularmente na parte ocidental. Dentre as suas qualidades inegáveis está a proximidade da natureza e do lazer dados pelo desenho urbano e o fácil acesso aos transportes públicos.

Após a queda do Muro de Berlim, com a reunificação alemã, a situação econômica privilegiada permitiu a elaboração de programas de revitalização de complexos habitacionais. A propriedade privada impôs-se como um problema na antiga parte oriental, onde 90% dos imóveis eram alugados. Criaram-se autarquias responsáveis pela administração dos conjuntos privatizados e boa parte recebeu obras a partir das diretrizes do projeto instituído entre 1992 e 1994 pelo Ministério do Planejamento, chamado “EXWOST - *Experimental Housing Construction and Urban Planning*”.

O diagnóstico dos problemas urbanísticos e arquitetônicos mostrou espaços públicos pouco utilizados ou vazios, fachadas pré-fabricadas monótonas dadas pela massificação da



215. Conjunto residencial em obras, Berlim, 1998.



216. Típico bloco residencial alemão dos anos 60 e 70, em obras.

construção pré-fabricada, cuja uniformidade da paisagem decorre da estrutura construtiva seriada. A reprodução estabeleceu padronizações nas tipologias que variavam de 5-6, 11 ou 22 pavimentos e também nas fachadas. Além disso, havia sérios problemas térmicos causados pelo isolamento precário dos blocos nas fachadas externas, que levavam a grandes perdas térmicas com a passagem de vento por entre as frestas, implicando em alto custo energético.<sup>35</sup>

De modo geral as obras fizeram melhorias na impermeabilização de lajes e telhados, renovação hidráulica e elétrica, troca de portas e janelas, mudanças nos balcões e varandas e transformação das fachadas para romper com a homogeneidade. Pelo método construtivo é nas varandas onde mais facilmente se pode intervir, já que elas são independentes do corpo dos blocos. A aplicação de elementos cerâmicos sobre os painéis pré-fabricados e o uso da cor foram artifícios de projeto fartamente utilizados para criar identidade e forjar pequenos conjuntos habitacionais dentre os grandes conjuntos. A renovação das fachadas foi a que causou mais protesto, diante da utilização de cores brilhantes e decoração Pop Art. Em face disso, proprietários e autoridades acordaram alguns princípios para o tratamento dos espaços exteriores, de modo a assegurar resultado mais satisfatório para a vizinhança como um todo.<sup>36</sup>

Os conjuntos de Marzahn e de Hellersdorf, na periferia de Berlim, localizados na antiga parte oriental são exemplos importantes dos projetos de recuperação. Marzahn é uma das maiores conurbações de blocos habitacionais, com cerca de 150.000 habitantes em 65.000 unidades habitacionais e foi investido da pecha dos horrores da habitação socialista, verdadeira caixa desumana de morar. Hellersdorf, com pouco mais de 100.000 moradores ainda estava inacabado na época da unificação, o que potencializou os problemas sociais de empobrecimento da população, delinquência juvenil, atuação da máfia e de grupos neonazistas. A mobilidade espacial possibilitada pela unificação levou à população de maior

<sup>35</sup> Anotações de palestra de Pedro Moreira proferida em 21/01/1999 na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>36</sup> Pedro Moreira, “Habitação social e pré-fabricação. A herança socialista em perspectiva”, 2001; Jörg Blume, “Large-scale housing and planning projects in eastern Germany”, 1996, pp. 57-58.



217. Vista geral de Hellersdorf, Alemanha.



218. 219. Blocos residenciais renovados, Hellersdorf, Alemanha.

qualificação a sair dos conjuntos e buscar moradias mais em acordo com a vida ocidental, deixando muitas unidades vazias.<sup>37</sup>

Hellersdorf foi a primeira área a receber plano urbanístico de requalificação, que visou integrar o conjunto à cidade existente, identificando as particulares de cada área do conjunto, de modo a personalizar os espaços e torná-los menos monótonos promovendo melhorias

<sup>37</sup> Jörg Blume, Op. cit.; Luciana da Silva Andrade & Gerônimo E. A. Leitão, “Transformações na paisagem urbana: favelização de conjuntos habitacionais”, 2006, pp. 124-125; Luciana da Silva Andrade, “Uma cidade vista através da outra: espaços públicos em conjuntos habitacionais do Rio de Janeiro e em *Siedlungen* de Berlim”, 2008, pp.70-71.

nos blocos. A área foi dividida em 18 sub-centros, onde autarquias privadas, atuando como patrimônio estatal, gerenciavam as obras. Os projetos em Hellersdorf serviram como referência para outros que se seguiram na Alemanha e na Europa do Leste.<sup>38</sup>

As estratégias adotadas de renovação da imagem dos conjuntos podem ser compreendidas no projeto para uma das áreas de Hellersdorf, Gelbes Viertel (Bairro Amarelo), assinado em 1997 por arquitetos brasileiros. Com cerca de 12.000 moradores em 3.200 apartamentos, o Bairro Amarelo foi alvo de concurso internacional realizado pela gerenciadora do conjunto, no qual participaram 56 escritórios da América Latina. O escritório vencedor, Brasil Arquitetura, estruturou a proposta em quatro ideias básicas: 1. Sinalização das entradas principais com praças retangulares personalizadas com esculturas de artistas brasileiros (Amílcar de Castro, Frans Krajberg, Miguel Santos e Siron Franco); 2. Tratamento cromático das fachadas com pintura branca remetendo à cal das casas coloniais brasileiras sobre o cinza dos painéis pré-fabricados e aplicação de barrados na base e na cobertura em azul, amarelo e rosa; 3. Substituição dos peitoris dos terraços por painéis de muxarabis, marcando e ritmando as fachadas, também utilizados nas entradas dos blocos, nos acessos das escadas e nas passagens entre os blocos; 4. Tratamento paisagístico das áreas externas. Além disso, foram utilizados painéis com azulejos com desenhos especialmente elaborados pelas índias kadiwéu para o conjunto.<sup>39</sup>



220. 221. 222. Bairro amarelo, Berlim.

<sup>38</sup> Luciana da Silva Andrade, Op. Cit., 2008, p.71.

<sup>39</sup> Francisco Fanucci & Marcelo Ferraz. *Brasil Arquitetura*, 2005, pp.52-54.

Os grandes conjuntos residenciais são também encontrados em inúmeras cidades de pequeno e médio porte no interior da Alemanha; Wolfen Nord é um exemplo típico. Construído pelo Estado para funcionários da Fábrica de Filmes de Wolfen, foi erguido em quatro etapas entre 1960 e 1990, cada uma com soluções arquitetônicas próprias (modelos Brandenburg, P2Ratio e WBS70), embora essencialmente pouco diferenciadas. A queda do Muro de Berlim e o fim da fábrica de filmes acelerou os problemas físicos e sociais das habitações. As 13.500 habitações do conjunto passaram para a propriedade das empresas WBG (Wolfen Housing Construction Company) e WWG (Wolfen Housing Construction Cooperative), que tiveram que lidar com os problemas de esvaziamento dos blocos e mudança do perfil social. Antes ocupados por funcionários de vários níveis, de engenheiros a operários, viram a chegada da população imigrante, com baixos salários ou vivendo de seguro social, a evasão dos adultos em idade produtiva e a permanência dos mais idosos. Atrair novos moradores, tornar o investimento rentável e lidar com os problemas da habitação pré-fabricada foram desafios das empresas gerenciadoras, que com o passar dos anos aumentavam suas dívidas dado o grande número de apartamentos vazios.<sup>40</sup>

Após extensas discussões, algum protesto e renovação física de parte do conjunto, a demolição impôs-se como saída das empresas proprietárias para diminuir os problemas e os custos. Os problemas, contudo, permaneceram, pois a simples eliminação de blocos residenciais sem o atendimento às outras necessidades ou sem a coordenação com a municipalidade gerou ainda mais distúrbio e mais esvaziamento.<sup>41</sup>

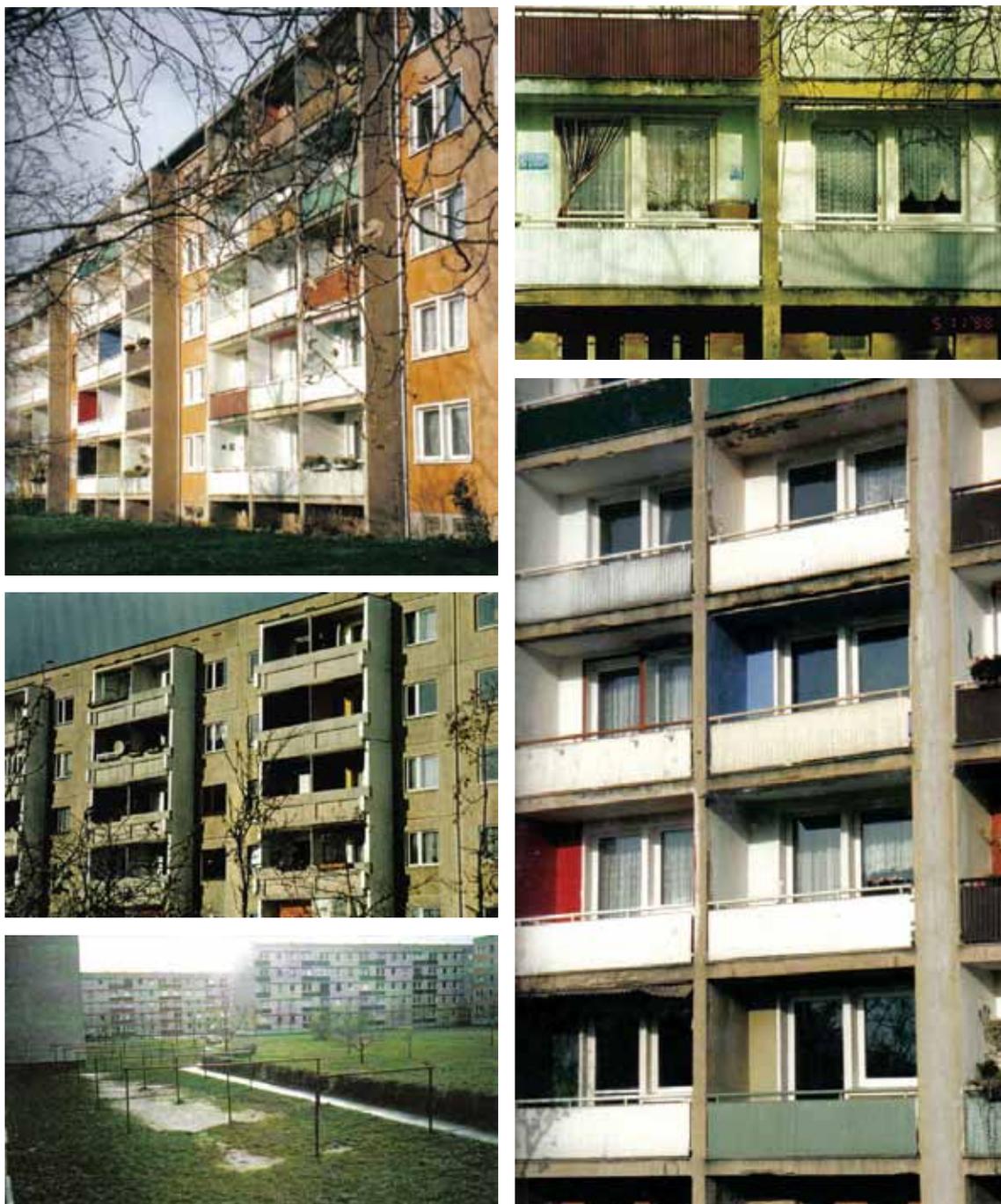
Leinefelde é experiência mais diferenciada no que se refere à permanência do legado de habitação do final do século XX para as gerações futuras. A cooperação das empresas de habitação com a comunidade criou alternativas à simples demolição dos blocos esvaziados. Fundos privados foram aplicados na reurbanização das áreas livres que surgiram com a demolição de alguns dos blocos e na reconstrução experimental das habitações. Construído nos anos 60 para atender os trabalhadores da recém-implantada indústria têxtil, o conjunto conta com cerca de 5.000 apartamentos de cinco ou seis pavimentos de blocos pré-fabricados.<sup>42</sup>

Um consistente projeto urbano e regional equacionou os problemas da cidade aos do conjunto na sua periferia. O projeto urbanístico, selecionado por concurso, é assinado pelo escritório Meier-Scupin & Petzet e os edifícios são do arquiteto de Frankfurt Stefan Forster. As *siedlungs*, de Ernst May, serviram como paradigma para as renovações; os apartamentos térreos ganharam pequenos jardins limitados por cercas ou muros baixos. Para a renovação dos blocos com varandas utilizou-se o recurso da sobreposição por outras com materiais novos. Nos demais

<sup>40</sup> Em 1998, a fase piloto do Bauhauskolleg, programa de pós-graduação da Fundação Bauhaus Dessau, reuniu estudantes de cinco universidades (Technische Universität München, Kunthochschule Berlin Weissenste, Hochschule Anhalt, University of Miami e Universidade Federal do Rio de Janeiro) para exercícios projetuais conjuntos em sítios afetados pelos problemas da Alemanha unificada como duas fábricas, o vazio urbano da cidade de Bitterfeld, uma área residencial nova e o conjunto residencial Wolfen Nord. O grupo brasileiro, o qual integrei, trabalhou nas áreas de Bitterfeld e Wolfen Nord, donde vem as informações sobre o conjunto. Ver Ana Lucia Santos, Anna Carla Rocha, Carmen Celano, Eduardo Rocha, Flávia Nascimento, Liane Flemming, Márcia Junqueira, Cêça Guimaraens & Gustavo Rocha-Peixoto. "Suburbanização e revitalização: dois estudos de caso na Alemanha", 1999.

<sup>41</sup> Rochus Wiedemer, "Why demolition? Urban demolition in Wolfen-Nord", 2004.

<sup>42</sup> Idem. Roland Detsch, "The Miracle of Leinefelde", 2010.



223. 224. 225. 226. 227. Conjunto Residencial Wolfen Nord, 1998.

blocos removeram-se parte dos andares criando terraços e adicionaram-se varandas onde não existiam. As fachadas foram pintadas com cores variadas. Com aprovação dos moradores e de especialistas, a escala menor em relação aos conjuntos de Berlim permitiu adaptações inovadoras respeitando o existente e unindo projeto, patrimônio e paisagem.<sup>43</sup> Ainda que as intervenções sejam de boa qualidade, a imagem das edificações de quando foram construídas foi completamente alterada e o patrimônio parece ter ficado ao largo das discussões.

<sup>43</sup> Ainhoa Díez e Joaquín Ibañez, Op. Cit., 2010, p.10-11.



228. 229. Conjunto Residencial Leinefelde, Alemanha.

Se na Alemanha, dada sua condição financeira, foi possível empreender massivamente obras de fôlego nos conjuntos, o mesmo não se deu com os conjuntos construídos após os anos 60, e, sobretudo, nos anos 70, na Europa Central e maciçamente no Leste Europeu, que padeceram de valorização, gerando ainda mais distúrbio no momento das intervenções, que ocorreram mais pontualmente. O encaminhamento imediato e comum para os desgastes físicos e os problemas sociais da habitação em massa resultaram na sua demolição. Vários conjuntos tiveram processos de restauração iniciados a partir de ameaças consistentes de desaparecimento.

O conjunto residencial Bijlmermeer, em Amsterdã, não escapou da demolição. Após ter sido alvo de projetos de recuperação nos anos 80 não executados ou executados parcialmente, todos considerados insuficientes para solucionar seus problemas de mau uso e degradação, foi posto abaixo. Construído entre 1966 e 1975, com megablocos residenciais de painéis pré-fabricados de 11 pavimentos com 12.500 apartamentos e situado em meio a grandes áreas livres de urbanismo moderno com divisão entre as funções de moradia, circulação, recreação e comércio, o conjunto encontrou grande dificuldade para ser ocupado. Após 1975, com a independência do Suriname, os imigrantes que chegaram ao país foram alojados nos apartamentos vagos, e o conjunto ganhou o apelido de “bairro negro”. Aos africanos somaram-se uma dezena de novas nacionalidades que lhe deram características étnicas, levando à sua estigmatização e preconceito como área periférica degradada e com sérios problemas de desemprego e mau uso. Os projetos de recuperação tiveram posturas de aceitação do existente e integração à cidade por meio do fornecimento de serviços e comércio, como a proposta assinada por Rem Koolhaas, até a substituição completa das edificações. Em 1992, prevaleceu a substituição radical, sob o argumento da ineficiência das alternativas mais brandas. Grande parte do conjunto vem sendo demolida e em seu lugar são construídas novas habitações constituídas de sobrados enfileirados de dois pavimentos. Na prevalência do novo sobre o construído, perdeu-se um modelo residencial que poderia se considerado patrimônio por seus aspectos históricos, identitários e técnicos.<sup>44</sup>

<sup>44</sup> Ainhoa Díez e Joaquín Ibañez, “Los grandes conjuntos residenciales y la interrelación contemporánea entre proyecto, patrimonio y paisaje”, 2010, p.10. Bijlmermeer Renovation Planning Office, *The Bijlmermeer Renovation. Facts & Figures*, 2008.

Na Rússia, muitas das habitações construídas pelo poder público segundo o modelo de blocos habitacionais pré-fabricados foi privatizada com o fim da União Soviética. Diferentemente do fenômeno verificado nos Estados Unidos ou na Europa Ocidental, na Rússia, os conjuntos não sofrem estigmatização e preconceito, pois são a moradia da maior parte da população. Isso porque na ex-União Soviética, a partir dos anos 50, investiu-se pesadamente na construção de blocos residenciais, em ações sem precedentes, a ponto de chegar nos anos 70 à cifra de meio milhão de metros quadrados construídos em habitações com sistema de pré-fabricação. Nikita Khrushchev, ainda quando líder do partido em Moscou, impulsionou a industrialização, convocando os arquitetos a atuarem prioritariamente na redução dos custos da construção, o que resultou na edificação em massa de blocos residenciais no modelo K-7. Conhecidos como os *khrushchyovki*, são compostos por cinco pavimentos sem elevador, com apartamentos compactos de 44m<sup>2</sup> com dois cômodos, cozinha, banheiro, ocasionalmente feitos em tijolos, e depois massivamente no método de montagem em canteiro de painéis de concreto pré-fabricado. Os edifícios foram pensados para durar apenas alguns anos, cerca de 25, sendo demolidos ao longo dos anos, o que não ocorreu. Com Leonid Brejnev no poder, em 1964, o programa de construção em massa teve continuidade, sendo erguidas inúmeras unidades habitacionais em toda União Soviética.<sup>45</sup>



230. Blocos residenciais russos, modelo K-7.

Com o fim da União Soviética, cerca de 25% da população tornou-se proprietária da moradia anteriormente pública, e outros 25% dos apartamentos estão no mercado, os 50% restantes ainda mantêm os contratos de aluguel do período soviético e não fizeram uso do direito de comprar a unidade, utilizando-a de acordo com sistema de aluguel social. Embora ainda tenham prestígio como moradia e mantenham-se firmes, não cumprindo a meta de demolição prevista no período de Khrushchev, os conjuntos sofrem muitas ameaças de demolição. O valor da terra urbana tem levado a administração pública a propor sua substituição por blocos mais densos, e, portanto, mais rentáveis. Alguns projetos propõem o aproveitamento dos painéis de concreto nas novas construções, tendo sido erguidos alguns protótipos.<sup>46</sup>

<sup>45</sup> Florian Urban, “Prefab Rússia”, set. 2008.

<sup>46</sup> Idem.

Neste sentido, a demolição dos blocos residenciais emergiu como tema das políticas urbanas e da habitação social nos anos 90 e são parte de operações em maior ou menor escala feitas com a participação do Estado e visando à melhoria do estoque habitacional. Nos países integrantes do Projeto RESTATE, a totalidade dos conjuntos demolidos localizavam-se em bairros pobres, com alta concentração de minorias (como árabes na França e marroquinos na Holanda) e problemas de violência. Apesar dos investimentos realizados em alguns deles e a boa condição física, permanecia a sensação de insegurança e a imagem negativa. As demolições realizadas guardaram íntima relação com os projetos urbanos de reestruturação urbana mais gerais, configurando-se em obstáculos a certa coesão urbana imaginada. O aumento no valor da terra e a pressão do mercado imobiliário vêm pressionando os Estados a livrarem-se dos conjuntos e a construir novas habitações de acordo com a demanda. A demolição mostra-se como a oportunidade de eliminar símbolos da crise urbana e fracassos políticos, sem que se considerem suas consequências e perspectivas sociais.<sup>47</sup>

Os conjuntos residenciais franceses construídos em massa nos 60, com a mesma tipologia do holandês Bijlmemeer e do alemão Hellersdorf sofrem da mesma ameaça de demolição. O conjunto Les Courtilières, no município de Pantin, nas imediações de Paris, passou da afeição original e da exaltação como solução ao problema da moradia para estigmatizado e problemático conjunto periférico. Construído entre 1954 e 1966, segundo projeto do arquiteto Émile Aillaud, é composto pela mistura de blocos em altura com edificações baixas distribuídas em meio ao jardim, e marcado por grande bloco sinuoso perpassando toda a composição, conhecido como “Serpentina”. Ocupado inicialmente por franceses e alguns estrangeiros (sobretudo espanhóis, tunisianos e algerianos), tinha boa reputação entre os moradores. Mas pouco tempo após a inauguração já estava associado a crimes e juventude desocupada, e abandonado pela administração pública. Nos anos 80, com o quadro de abandono e decadência mais acentuado, propôs-se sua recuperação, que incluía a demolição parcial de várias partes, a criação de serviços públicos e a construção de outros apartamentos, o que não ocorreu.<sup>48</sup>

Só nos anos 2000, com a venda do conjunto à municipalidade e a comissão do projeto de recuperação ao arquiteto Paul Chemetov, o valor histórico do conjunto foi levado em questão, lembrando-se da ambição do autor do projeto e do entusiasmo dos primeiros moradores. Resistindo fortemente à, ainda persistente, proposta de demolição, Chemetov estruturou a recuperação na reforma da “Serpentina” para os habitantes. Numa associação com a loja de móveis IKEA, o arquiteto aumentou os apartamentos e inseriu novos balcões externos. A reforma foi amplamente divulgada pela mídia, mas permaneceu criticada, numa polêmica ainda persistente quanto à demolição ou a viabilidade da reforma. A história do conjunto como símbolo e testemunho do período otimista de reconstrução do pós-guerra permanece incompreendida ou rejeitada, a não ser pelo valor afetivo de alguns moradores e pelo interesse de alguns especialistas, sobretudo arquitetos.<sup>49</sup>

<sup>47</sup> Fatiha Belmessous, Franck Chignier-Riboulon, Nicole Comerçon e Marcus Zepf, “Demolition of large housing estates: an overview”, 2005.

<sup>48</sup> Nick Bullok et ali, “*Les Courtilières*. Ordinary housing project – extraordinary history?”, Set. 2008.

<sup>49</sup> Idem.



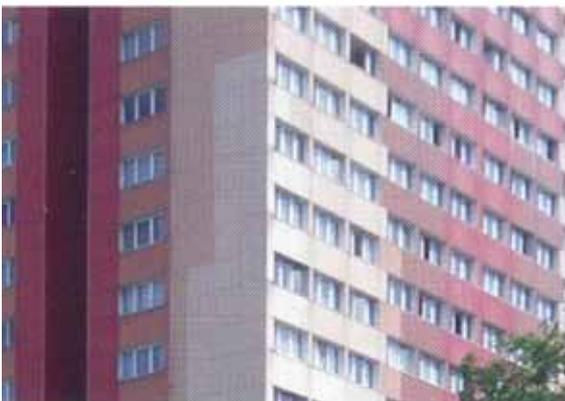
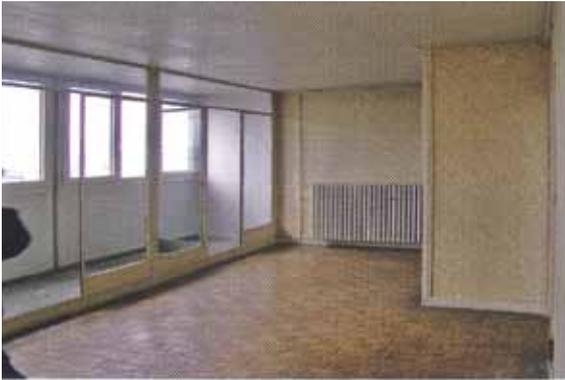
231. Vista geral do Conjunto Residencial Les Courtillières, Pantin, França.

Esse é o caso dos arquitetos Frédéric Durot, Anne Lacaton e Jean-Philippe Vassal que se levantaram como defensores dos grandes conjuntos habitacionais franceses, articulando-se em favor de sua permanência. Os três arquitetos postularam, no livro publicado pela Editora Gustavo Gili, argumentos favoráveis à sua manutenção, em que apresentam alternativas de adaptação e reuso. Eles são contra o que chamam de limpeza ideológica da paisagem representada pela bota abaixo dos conjuntos na periferia de Paris (ocupados pela população de baixa renda, sobretudo imigrantes do Norte da África), que são o símbolo da segregação social e étnica francesa. Com altos níveis de criminalidade e taxas de desemprego, são desafio às políticas de integração do governo francês. Indiretamente, a arquitetura dos conjuntos tornou-se ré deste processo, culpada das mazelas sociais e políticas, devendo ser eliminada.<sup>50</sup>

Como defensores dos postulados do movimento moderno e de seus princípios julgados ainda válidos como a habitação mínima e a planta livre, o trio de arquitetos propõe a transformação dos conjuntos, com a substituição de janelas, melhoria das divisões internas e fornecimento de espaços comunitários. Segundo seu diagnóstico, ao longo do século XX as habitações em série europeias deixaram de contar com espaços coletivos, mantendo-se as unidades residenciais reduzidas ao mínimo. Na Unidade de Habitação de Berlim, por exemplo, simplesmente eliminaram-se as áreas comuns. O objetivo do grupo ao intervir nos conjuntos franceses é instituí-los dos atributos das versões iniciais dos blocos modernos quando a habitação era entendida na conjugação entre os espaços individuais e comuns.<sup>51</sup> O resultado prático das suas indagações, apresentado no projeto para seis conjuntos residenciais, são intervenções massivas no interior dos apartamentos e no aspecto exterior, alterando radicalmente a imagem para uma mais contemporânea.

<sup>50</sup> Frédéric Purot, Anne Locaton e Jean-Philippe Vessal, *Plus. La vivienda colectiva. Territorio de excepción*, 2007.

<sup>51</sup> Idem.



232. Projetos de renovação de blocos habitacionais propostos por Frédéric Durot, Anne Lacaton e Jean-Philippe Vassal.

Repetidamente quando a opção é pela manutenção física dos conjuntos residenciais ela é guiada pela adaptação das moradias aos parâmetros do mercado, tornando-as mais atrativas a compradores e locatários. Problema comum aos grandes conjuntos é o envelhecimento da população e a desocupação dos imóveis. A redução das famílias e os novos arranjos produtivos de mercado, com a mudança do perfil dos empregos, principalmente na indústria, leva ao desinteresse pela moradia nos conjuntos. Este é o caso do conjunto residencial Gardsten, em Gotenburgo na Suécia, construído entre 1969 e 1972, como parte do programa de promoção em massa de habitações chamada “Um milhão de apartamentos”. Com mais de 50 blocos de elementos pré-fabricados, nos anos 80 associou-se ao feio e ao perigoso, pois apresentava questões de conservação, com problemas de esvaziamento e ocupação por imigrantes refugiados do Iraque, Bósnia e Somália.<sup>52</sup>

Nos anos 2000 uma empresa privada passou a gerir o conjunto e iniciou ação agressiva para sua inserção no mercado imobiliário, com intervenções significativas nas edificações associadas a estratégias de marketing de discurso ecológico. Os blocos ganharam novos revestimentos, entradas, varandas, coberturas para captação da energia solar, elevadores, terraços e toda sorte de elementos que fazem a diferenciação entre eles. A obra adquiriu aspecto inteiramente contemporâneo, em muito pouco lembrando a do projeto construído ou mesmo a sua passagem no tempo.<sup>53</sup>



233. 234. Conjunto residencial Gardsten, Gotenburgo, Suécia.

O arquiteto inglês John Allan, do escritório Avanti Architects, defende que os interesses do mercado devem estar envolvidos quando se trata de restauração de arquitetura moderna. No projeto do grupo Avanti para o conjunto residencial Wynford House,<sup>54</sup> selecionado por concurso público em 1996, as preocupações com a viabilidade e permanência física do

<sup>52</sup> Fernando Diniz Moreira & Guilah Naslavsky, *Conservação e requalificação de grandes conjuntos habitacionais modernistas: reflexões sobre a experiência escandinava recente*, 2010, p.8.

<sup>53</sup> Idem, p.8-11.

<sup>54</sup> Além de Wynford House, o escritório inglês Avanti Architects envolveu-se com a restauração do edifício Isokon e elaborou diretrizes de gestão para Barbican Golden Lane. [www.avantiarchitects.co.uk](http://www.avantiarchitects.co.uk)

edifício foram fundamentais para sua concepção, para muito além da permanência física da obra do arquiteto de origem russa Berthold Lubetkin, autor da obra. Pesaram fortemente nos argumentos de restauração o fato de o conjunto ser considerado a menos importante obra de habitação social de Lubetkin, tendo inclusive o pedido de proteção jurídica negado. Wynford House foi construído por Lubetkin como parte de um conjunto residencial maior, Priory Green, projetado em 1930, mas construído entre 1947 e 1957, tendo sofrido ao longo do tempo com a falta de manutenção. O concurso de projetos visava à reabilitação do conjunto para a venda dos apartamentos. Os critérios de projeto apresentados envolviam: 1. arranjos financeiros para garantir mais recursos para o conjunto; 2. propostas de gestão; 3. soluções técnicas equilibrando as necessidades de melhorias com a conservação; 4. adequação social para atender às demandas por apartamentos de novos tipos; 5. agregar valor de mercado com a construção de coberturas, instalação de portaria e provisão de serviços. Os apartamentos que eram ocupados por população de renda mais baixa foram em parte adaptados para o público de classe média. No geral o que se defendeu foram mudanças que tornassem o projeto economicamente viável, mas que não alterassem a ideia original.<sup>55</sup> Um equilíbrio delicado, tanto quanto difícil.

Parte das dificuldades na recuperação dos edifícios de habitação social do pós-guerra advém do fato de que tais obras não são investidas do caráter de artefatos culturais. São tratadas apenas sob o viés da problemática social e habitacional. As peculiaridades históricas, culturais, arquitetônicas e afetivas a que podem ser atribuídas valor patrimonial nem sempre são consideradas. Talvez o primeiro passo para intervenções mais sensíveis, respeitando a pré-existência e em acordo com as regras internacionais de restauração seja a proteção por lei dos exemplares considerados importantes. Sabe-se que, nos mais diferentes países, o reconhecimento oficial dos bens culturais não é garantia de integridade ou valorização e, naturalmente, que ele somente, sem o reconhecimento dos moradores, da comunidade e dos interessados, em muito pouco servirá para a manutenção física dos bens. Nos casos estudados, entretanto, quando ao menos há alguma perspectiva de patrimonialização no horizonte, os olhares mantêm-se mais alertas.

Balford Tower, edifício de apartamentos de interesse social localizado em Londres e projetado por Ernő Goldfinger, em 1963, teve salvaguardados aspectos importantes de sua materialidade graças à atuação em tempo do English Heritage, instituição que cuida da preservação dos bens culturais na Inglaterra, por ser considerado um dos mais esplêndidos exemplares da arquitetura do pós-guerra inglesa no atendimento aos programas de habitação de interesse social. Construído em concreto aparente, tem o corpo dos elevadores e escadas destacado do edifício que é acessado a cada três pavimentos, reduzindo-se às circulações e aumentando o espaço para os apartamentos. Completam o conjunto, apartamentos para idosos, lojas, centro comunitário e estacionamento.<sup>56</sup>

<sup>55</sup> John Allan, “MOMO’s second chance: the revaluation of inner urban housing in Britain”, 1998, pp.25-28.

<sup>56</sup> Martin O’Rourke, “The Lansbury Estate, Keeling House and Balford Tower: conservation issues and the architecture of social intent”, 2001, pp.174-175; Catherine Croft, “Preserving modern housing: the English experience”, 1996a, p.199.

Localizado junto a uma avenida de grande tráfego aumentada em sua capacidade de veículos, verificou-se a necessidade de instalação de janelas anti-ruído nos apartamentos. A solução mais imediata foi a substituição completa das janelas originais por outras em PVC. Considerado de interesse nacional por razões históricas e arquitetônicas, foi protegido por lei antes que a substituição das janelas se completasse de modo a garantir que solução mais sensível arquitetonicamente fosse realizada. Com a preservação, os trabalhos já iniciados das novas janelas foram interrompidos, pois essas não correspondiam ao desenho das originais do arquiteto Goldfinger. Soluções alternativas foram buscadas que atendessem ao orçamento limitado, ao tempo e ao desempenho necessários, até se optar por janelas também de PVC com desenho e seção mais próximas das em madeira.<sup>57</sup>

Também em Keeling House, outro conjunto residencial londrino de 1955, a atuação do English Heritage impediu a sua demolição. Edifício público de 16 pavimentos construído em concreto armado de autoria de Denys Lasdun tem solução bastante expressiva na articulação dos quatro blocos unidos pela escadaria central de acesso aos apartamentos, que permite visadas dramáticas do exterior. Lasdun pretendeu trazer o ambiente da rua para o edifício, criando espaços de convívio, como o acesso às varandas dos apartamentos que dão a chance de encontro aos moradores. Em 1993, o edifício teve a estrutura condenada e foi abandonado com a forte possibilidade de demolição. A proteção impediu que isso acontecesse, mas os apartamentos permaneceram vazios até que foram comprados por um investidor privado que renovou completamente todo o edifício; que por sua vez ganhou mais quatro apartamentos de cobertura (um em cada torre) e nova portaria com vigia permanente. Os imóveis foram vendidos a preços elevados, mudando drasticamente o perfil dos moradores.<sup>58</sup> Em Keeling House, a permanência física das habitações por ação da instituição de patrimônio não impediu a mudança do caráter social das moradias, o que demonstra a complexidade da atuação patrimonial no que concerne à moradia de interesse social.

O processo de preservação de Alexandra Road, que foi o primeiro da série de conjuntos residenciais protegidos pelo English Heritage,<sup>59</sup> mostra os sucessos e dificuldades do tema. O projeto de Road causou polêmica desde a sua elaboração. Pensado pelo poder público para atender cerca de 5.000 famílias, foi projetado pelo arquiteto Neave Brown e implantado em vizinhança nobre de Londres. Quando em 1978 foi finalmente completado, recebeu elogios da crítica como o mais destacado dos conjuntos residenciais de baixa altura e alta densidade de sua época. O conjunto foi afetado pela histórica falta de manutenção pelo poder público em habitações de interesse social, o que o levou à grave estado de degradação.

Em 1993, grande montante de recursos oriundo de programa estatal para transformar conjuntos residenciais impopulares foi aplicado em obras, que incluíam a instalação de

<sup>57</sup> Martin O'Rourke, Op. Cit., p. 175.

<sup>58</sup> Catherine Croft, Op. Cit., 1996a, p. 198; BBC/Open University, "Keeling House", 2001; Theodore Prudon, Op. cit., p.14.

<sup>59</sup> Além dos conjuntos londrinos referidos, Park Hill em Sheffield (inspirado em Le Corbusier e nas habitações dos Smithsons, construído entre 1957 e 1961 pelo Sheffield City Council) foi protegido pelo English Heritage em 1998. John Allan. Op.cit., p.23.



235. 236. 237. Balford Tower, Keeling House e Alexandra Road, Londres.

iluminação exposta em reposição aos fios embutidos, reparos no concreto aparente e a possibilidade de substituição das janelas originais por PVC. Preocupações quanto à gestão e ao caráter das obras levaram residentes e interessados a pedirem sua preservação por lei. O Docomomo foi envolvido e arquitetos e instituições respeitadas como Richard Rogers, Philip Powel e a Royal Fine Art Commission se posicionaram favoravelmente ao pleito. Contrariando as expectativas, o conjunto foi preservado por ser arquitetura excepcional, exemplo de modernismo ambicioso e humano numa escala única, e testemunho histórico importante de período em que a política de habitação social fundada em preceitos socialistas poderia produzir forma e estilo arquitetônico distinto.<sup>60</sup>

A proteção jurídica de Alexandra Road envolveu uma série de novidades: foi o mais jovem edifício a ser listado (com menos de 30 anos), o maior deles e o primeiro exemplar de habitação pública do pós-guerra. Segundo Catherine Croft, arquiteta do English Heritage encarregada de acompanhar as obras no conjunto, ela trouxe uma série de desafios para o campo patrimonial; o primeiro deles foi no trato com os residentes. Esses haviam inicialmente solicitado a proteção por meio da Associação de Moradores, mas depois de consumada, se viram potencialmente restritos em sua atuação, preocupados com as imposições burocráticas. O English Heritage tornou-se fácil culpado dos atrasos (que na verdade tinham várias razões), o que gerou algumas dificuldades nos argumentos em favor da proteção como tendo papel importante no estabelecimento de sentimento de pertencimento e ajudando na preservação. Problemas internos de gerenciamento, tanto do órgão de preservação quanto do Camden Council, proprietário dos imóveis, impediram que se levasse adiante as reuniões públicas com os moradores e muito do entusiasmo e confiança inicial se esgarçaram.<sup>61</sup>

Das lições que ficaram do processo de recuperação de Alexandra Road o envolvimento com os moradores é dos mais importantes. Algumas outras sugestões feitas pela arquiteta vão ao encontro dos preceitos internacionais de restauração como o estudo cuidadoso da obra nos seus aspectos históricos e arquitetônicos e o entendimento das especificações técnicas de projeto antes da intervenção, além de dar-se tempo necessário, que muitas vezes é grande, para os trabalhos de levantamento e projeto. E no caso da habitação de interesse social, o envolvimento com os órgãos públicos de habitação, proprietários ou gestores dos edifícios é essencial. Entender como funcionam suas estruturas, de onde vêm os recursos, pode evitar problemas na hora da gestão e ajudar no diálogo com os órgãos de preservação.<sup>62</sup>

A atuação mais conscienciosa no trato das habitações de interesse social na qualidade de patrimônio cultural vem principalmente da Itália, país de grande tradição no campo da preservação e de referência na teoria e na prática do restauro, onde a opção pela manutenção física dos blocos e a sua renovação é a opção mais comum, opondo-se à demolição.<sup>63</sup> A realização de inventários para a proteção da arquitetura moderna incluindo edifícios do pós-

<sup>60</sup> Catherine Croft, "Alexandra Road, London", 1996.

<sup>61</sup> Catherine Croft, Op. cit., 1996a, p.197; Catherine Croft, Op. cit., 1996, p.49.

<sup>62</sup> Catherine Croft, Op. cit., 1996, pp.55-57.

<sup>63</sup> Fatiha Belmessous, Franck Chignier-Riboulon, Nicole Comerçon e Marcus Zepf, Op. Cit., 2005, p.197.

guerra e de habitação social tem sido feita sistematicamente por iniciativa de especialistas e de órgãos de preservação, nos quais o programa habitacional INA Casa recebeu particular atenção, dada sua importância no contexto de reconstrução do pós-guerra.

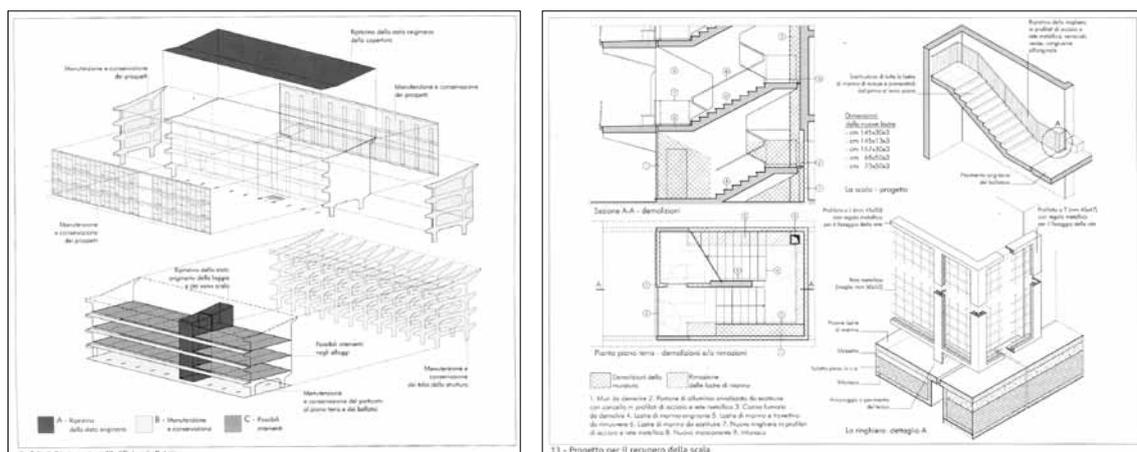
O INA Casa, programa público de moradia social foi promovido pelo Ministério do Trabalho italiano, em 1949, com o objetivo de resolver o problema do desemprego dos trabalhadores, ativando o sistema econômico do pós-guerra. É um dos produtos da reconstrução italiana com valor de testemunho histórico, cujo patrimônio a tutelar é amplo e complexo. Entre 1949 e 1963, o programa construiu cerca de 400.000 residências nas principais cidades italianas, principalmente nos subúrbios. Os projetos arquitetônicos e urbanísticos eram planejados e coordenados pelo Comitê Central que contava com a participação dos mais importantes arquitetos italianos do período. O programa tinha a intenção de unir progresso técnico e novos estilos de vida com a ideia da cidade italiana tradicional, prestando atenção às preexistências locais, como centros históricos, estilos de vida, clima, paisagem e sistemas construtivos. Resultaram numa variedade de soluções arquitetônicas que dialogam com as questões da habitação moderna do pós-guerra na Europa.<sup>64</sup>



238. 239. 240. Quartieri Tuscolano, Roma. Vistas do conjunto.

O desafio da preservação dos conjuntos do INA Casa apresentou-se nos anos 2000, a partir de ações acadêmicas diversas que buscaram conhecer sistematicamente os complexos habitacionais, para aprofundar sua compreensão arquitetônica e histórica, respondendo de

<sup>64</sup> Paola di Biagi, "Fifty years after the INA-Casa", 2000, pp.140-141.



241. 242. Quartieri Tuscolano, Roma. Detalhamento do projeto de restauração.

maneira mais ou menos específica às questões de como conservar e/ou reusar o patrimônio recente, principalmente o habitacional, vasto, complexo e variado. Estudos aprofundados e minuciosos debruçaram-se sobre as particularidades de diversos conjuntos residenciais italianos, como na tese de doutorado de Alessandra Cerroti, que traz minuciosos levantamentos, buscando levantar indagações e traçar encaminhamentos de salvaguarda do legado.<sup>65</sup>

A valoração dos conjuntos residenciais no âmbito internacional recebeu, contudo, restrições de especialistas. Autores como Henri-Pierre Jeudy têm criticado com veemência a excessiva patrimonialização da sociedade contemporânea e suas práticas seletivas ampliadas. A sociedade que se recusa a destruir tem dificuldades com a prática do patrimônio, ela mesma uma forma de destruição ou de por fim a algo que estava vivo. Segundo o autor:

*Na França, os conjuntos habitacionais construídos nos anos 1960, na periferia de Paris, são hoje demolidos porque eram chamados de “tocas de coelhos”. Mas, em decorrência dos movimentos de preservação das memórias urbanas, algumas dessas “torres” estão sendo conservadas como locais de memórias urbanas, para mostrar às novas gerações como seus pais e avós viviam nessas “tocas de coelhos”. Da mesma maneira que as catástrofes podem ser tratadas como objetos museográficos, também a miséria social pode ser um objeto patrimonial<sup>66</sup>*

As mudanças na consideração do patrimônio a salvaguardar e as críticas sobre sua exagerada condição não correspondem às convenções internacionais do campo disciplinar do patrimônio cultural e do conceito de bem cultural. Não custa lembrar que a Carta de Veneza, documento base do ICOMOS e basilar na preservação de obras e conjuntos

<sup>65</sup> Paola di Biagi, *La grande ricostruzione*, 2001; Ferruccio Luppi e Paolo Nicoloso, *Il piano Fanfani in Friuli*, 2001; Rinaldo Capomolla e Rosalia Vittorini, *L'architettura INA Casa (1949-1963). Aspetti e problemi di conservazione e recupero*, 2003; Ugo Carughi, *Città architettura edilizia pubblica. Napoli e il piano INA-Casa*, 2006; Alessandra Cerroti, *Edilizia residenziale pubblica del dopoguerra in Italia: questioni di conservazione e di restauro*, 2010.

<sup>66</sup> Henri-Pierre Jeudy, *Espelho das cidades*, 2005, p. 69.

urbanos, traz clara a noção de monumento extrapolando o entendimento da obra arquitetônica única e isolada.<sup>67</sup>

As críticas sobre a preservação desmedida da sociedade contemporânea isolam-se em meio aos enormes esforços de mudança dos cânones patrimoniais, cujo reconhecimento da multiplicidade do universo cultural é ponto central. Para Madeleine Rébérioux, em artigo sobre o patrimônio operário, pautada no conceito de lugar de memória de Pierre Nora,<sup>68</sup> muitos e variados são os lugares urbanos de memória do mundo operário. Sua preservação fundamenta-se na trajetória de luta política dos trabalhadores e da visibilidade aos espaços daqueles que por poucas vezes tiveram lugar e oportunidade. Adquire sentido também político, já que a memória é uma estratégia de transformação da sociedade, como o são, as práticas de preservação do patrimônio. Insere o mundo do trabalho na complexa teia das lembranças e dos esquecimentos que são as proteções por lei de artefatos da cultura material, ampliando suas possibilidades seletivas.

Como mostrou Sérgio Poretti,<sup>69</sup> as questões de salvaguarda dos conjuntos habitacionais passam pelas transformações mais evidentes e recorrentes (fechamento de balcões, substituição de envasaduras, mudança das cores originais e introdução de equipamentos de segurança) e transbordam para o entendimento dos reais comprometimentos que causam na identidade e na qualidade dos conjuntos. O central é reconhecer e atribuir-lhes valor, entendendo que as habitações coletivas, nas mais diversas partes do mundo, são hoje parte viva e integrada da periferia da cidade contemporânea.

---

<sup>67</sup> Beatriz Kühl, “Notas sobre a Carta de Veneza”, jan./dez.2010.

<sup>68</sup> Para Ulpiano Bezerra, os “lugares de memória” de Nora são bastante operativos e úteis para articular práticas, agentes, referenciais e conteúdos de memória, pois condensam muitos sentidos da memória – materiais, simbólicos e funcionais. Ulpiano Bezerra de Meneses, “A História, cativa da memória?”, 1992.

<sup>69</sup> Sergio Poretti, “Dal piano al patrimonio INA Casa”, 2003.